



VALESKA, Olga; DINIZ, Isabel; ARAÚJO, Siane. Mutações em movimento: uma proposta de análise da videodança "Sobre Muros e Jardins". Belo Horizonte: CEFET-MG/UFMG. Olga Valeska. CEFET-MG. Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens; Função artística: dançarina e poeta. Isabel DINIZ. UFMG. Docente e pesquisadora da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional-EEFFTO. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística-UFMG. Bolsista da CAPES. Orientadora: Ana Cristina MATTE. Função artística: dançarina e coreógrafa. Siane Araújo. CEFET-MG. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens-Posling. Bolsista da CAPES. Orientadora: Olga Valeska. Função artística: dançarina-intérprete e docente do curso de Graduação em Dança da UFV.

RESUMO: Neste trabalho propomos uma análise semiótica da videodança "Sobre Muros e Jardins", promovido pelos Grupos de Pesquisa parceiros COMTE do Posling-CEFET-MG e CCODA da UFMG. Esta obra foi produzida a partir do poema homônimo de Olga Valeska "Sobre Muros e Jardins", presente no seu livro "Mundos e Mutações" e envolvendo, portanto, distintas linguagens como a literária, a fílmica e a dança por um trabalho de tradução intersemiótica. Nosso objetivo é verificar como tais linguagens foram apropriadas para o gênero "vídeodança", em um processo dinâmico de mutação entre distintas texturas de imagens, sons e movimentos rítmicos.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução intersemiótica: Vídeodança: Poema

ABSTRACT: In this work we propose a semiotic analysis of "dancemovie" "Sobre Muros e Jardins," realized by the partners researches groups COMTE of the Posling-CEFET-MG and CCODA of the UFMG. This art was produced from the poem by Olga Valeska "Sobre Muros e Jardins", this in his book "Mundos e Mutações" and thereby involving different languages such as literary, film and dance for the translation intersemiotic. Our wait is to see how such language was appropriate for the genre "dancemovie" in a dynamic process of mutation between different textures of the images, sounds and rhythmic movements.

KEYWORDS: : Translation intersemiotic: Dancemovie: Poem

MUTAÇÕES EM MOVIMENTO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DA VIDEODANÇA "SOBRE MUROS E JARDINS"

A proposta de criação do vídeo *Sobre Muros e Jardins* surge a partir da linha de trabalho que vem sendo adotada pelo grupo de pesquisa Concepções Contemporâneas em Dança (CCODA) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (EEFFTO-

UFMG). Este grupo que é um dos projetos, ou desdobramentos do Programa de Dança Experimental (PRODAEX) da mesma instituição e que também atua em parceria com o grupo de pesquisa Corpo, Movimento e Tecnologia: Núcleo de Pesquisa e Experimentação em Poéticas do Corpo e do Movimento (COMTE) do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (POSLING-CEFET-MG).

Essa perspectiva de trabalho do grupo engloba, prioritariamente, a tradução em dança de obras literárias desenvolvida como o redigir de um texto, obtendo a semiótica como uma via de acesso. Dessa forma, a criação e a produção gerada é fruto dos processos de leitura de textos-escritos que se tornam textos-dançados. Esse processo também abarca o caminho poético-corporal próprio da dança experimental que envolve a busca de uma dança própria do sujeito dançante, crítico e analítico diante do que se produz.

Nesse contexto, pode-se citar alguns dos trabalhos anteriores realizados, tais como *Diamantina em Performance: Minha Vida de Menina* (2010), que foi uma proposta de tradução poético-corporal do romance “Minha Vida de Menina”, de Helena Morley. Ou o trabalho *Dança ao Pé da Letra* (2009), que buscou transpor os significados dos sentidos da palavra “oposição” para a dança. Dentro dessa perspectiva inclui-se também o projeto “Mutações sobre um estranho corpo”, desenvolvido no Festival de Inverno de Diamantina-UFMG que buscou uma leitura poético-corporal do poema *Corpo Estranho* de Olga Valeska.

Sobre esse caminho experimental, vale ainda ressaltar, a influência do projeto “Dança Itinerante” do PRODAEX que acontecia por meio de intervenções em distintos espaços cotidianos como ruas, monumentos históricos, praças, igrejas, escadarias e outros locais e de variadas cidades, estados e até países com o propósito de mobilizar uma dança a qual se daria no instante.

Dessa forma, não existe um processo coreográfico desenvolvido a priori, mas sim a pré-elaboração de um projeto para a experimentação dos movimentos do corpo. Estes que também são fruto da interação do corpo com o ambiente, ou melhor, com os espaços escolhidos e suas arquiteturas, belezas, sons, cheiros, cores, bizarrices e histórias. Estas experimentações geram os registros audiovisuais que passam por um processo seguinte de edição: seleção de cenas por mecanismos de corte e colagem, uso de efeitos visuais filmicos, de músicas, inserção de créditos e afins que ditam a estética final da obra.

Importa ressaltar que o trabalho de pesquisa coreográfica resultou em um vídeo editado a posteriori, o que caracteriza o gênero Vídeodança. Nesse gênero, diferente da dança filmada, o trabalho de edição interfere de maneira marcante no resultado final, permitindo cortes e tratamento de imagens, assim como a inclusão da música e elementos externos à dança propriamente dita. Assim, no caso da coreografia analisada, observa-se mudanças significativas no tratamento das imagens originais que sofreram cortes e colagens, seguindo uma sequência de cinco partes distintas.

O processo de criação da videodança *Sobre Muros e Jardins*, inserido em todo este contexto, partiu inicialmente da proposta de traduzir um dos poemas do livro *Mundos e Mutações* da poetisa Olga Valeska, líder de um dos grupos de pesquisa. A “eureka” da escolha do poema homônimo de base para produção da obra foi a “inspiradora” e encantadora cidade de Curitiba, no estado do Paraná, em oportunidade de sua visita. Os “cenários” da cidade, em específico os belos jardins e os ladrilhos das calçadas que desenham flores ao chão da Praça Santos Andrade, ditam os sentidos que “gritavam” do poema por uma dramaturgia dançada. Estavam postas, assim, as matérias-primas para a produção da videodança sobre a obra literária de referência.

Os experimentos foram realizados em quatro diferentes lugares da praça escolhida os quais deram origem aos distintos planos da videodança e contaram com a gratuita colaboração de filmagem de Cleide Cruz, professora do Curso de Licenciatura em Dança do Instituto Federal de Brasília, bem como, do artista visual Luhan Dias no processo de edição e montagem dos planos.

Da dança e do poema

SOBRE MUROS E JARDINS

Não me pergunte por meu rosto
— Meu rosto fui eu quem forjei.

Não vai querer sondar meus traços
com suas delicadas lembranças torturadas.

Não me pergunte pelo que sinto.
— Meus sentimentos se perderam na violência
do sentido concreto das palavras, das pedras e de ferros mortais

Meu nome? Não me pergunte qual seja
Sabe que eu sou estrangeira?
que nasci do mar, do fogo ou da lama machucada do seu jardim

Sabe que fugi? e que me escondi nem sei bem onde?

pra não sangrar, ferida de lágrimas
... afiadas demais.

Como já foi dito, o poema é parte de, “Mundos e Mutações”, um texto poético que busca uma linha cosmológica inspirada em diversos mitos de origem, mantendo, porém, elementos do cotidiano de vidas comuns. O livro se divide em quatro partes: A Noite, A Terra, Os homens e Os Visionários. O poema traduzido para videodança integra a terceira parte do livro e faz alusão à uma “queda original” ou

a uma ruptura com a segurança e as certezas de um espaço familiar ou paradisíaco. O nome, “Sobre muros e jardins” já traz a ambivalência presente nesses espaços que acolhem e aprisionam. E, no poema, uma voz feminina enuncia a “fuga” de um espaço de afeto (maternal?), um jardim de “lama machucada” e “lágrimas afiadas”.

O poema procura retratar a violência das rupturas que se estabelecem nas construções de identidade, mas também faz alusão à cisão entre a experiência do corpo e o mundo da linguagem, com sua dimensão reflexiva e questionadora: “Meus sentimentos se perderam no sentido concreto das palavras, das pedras e de ferros mortais”.

No texto temos, assim, um corpo dividido entre a vitalidade da existência da unidade original e a perplexidade de se saber mortal e em estado de solidão no mundo que é matéria bruta, mas que também é signo e sentido abstrato. No vídeo, vemos um corpo que dança, alheio à paisagem que o acolhe, seja ela um jardim florido ou um ladrilho de pedras no calçamento urbano.

Como já foi dito, o vídeo se divide em cinco partes, cinco cenários definidos por tratamento digital, recortes e colagens. Nesse aspecto, o corpo que dança, no momento da performance, não interage com a paisagem presente no texto definitivo. O corpo não escolhe seu espaço de expressão, mas atravessa os cenários editados a despeito de seus gestos. Estes que buscam, por meio das fusões entre as distintas narrativas poéticas do poema e da dança, gerar semioses de sentido entre o corpo, o espaço e o texto.

Na primeira parte, a bailarina ingressa em um jardim que lembra uma pintura. A vivacidade das cores e a textura imprecisa das formas que a envolvem e constituem parecem fazer alusão a um espaço imaginário que bordejia a evasão e o sonho. Tamanha relação que engloba a própria edição que apresenta sua exibição no efeito de “pintura à óleo” propondo assim, a mescla entre a mutação que ocorre da própria realidade do eu feminino quando olha para o mundo.

Na segunda parte a paisagem parece envelhecer, com cores apagadas, e a personagem parece sondar esse espaço antigo (um lugar de memória?), medir sua extensão e profundidade, como se o descobrisse e testasse seus limites. Seus movimentos são paradoxalmente rápidos e ondulantes, buscando representar toda a “falta de cor” com que o mundo lhe sorri. E a bailarina encerra a sequência com um salto que atravessa o próprio cenário e a leva de volta ao espaço anterior, colorido e de formas imprecisas: uma forma de interrogar também o espectador sobre qual seria, de fato, o seu espaço, visto que o poema também sugere tal ambivalência como na passagem: “Sabe que eu sou estrangeira? que nasci do mar, do fogo ou da lama machucada do seu jardim. Sabe que fugi? e que me escondi nem sei bem onde?”

Nesse cenário, os movimentos da bailarina se amplificam com giros e oscilações fortes dos braços e do tronco até que a câmera enquadra a imagem de um conjunto de flores que se desvanecem dando espaço para as flores formadas

pelas pedras da calçada de cores envelhecidas e apagadas. Nesse trecho a coreografia acontece com movimentos executadas no solo. O corpo da bailarina parece testar os limites de sua elasticidade enquanto vivencia o toque das pedras e cuja edição expõe o cenário de cores amareladas que assumem o sentido de terra e mineral. Ao mesmo tempo em que se percebe a relação desse espaço com o que de fato é: uma calçada: ambiente de trânsito, passagem e de visibilidade. Esta relação busca traduzir a interação da "voz feminina" do poema com um "outro" ao qual ela se dirige, como se nota no trecho: "Não me pergunte pelo que sinto." Sendo assim, busca-se representar a "voz feminina" que procura chamar a atenção para si a partir de um "outro" representado pelo próprio espaço.

Na última, e breve, parte a dança muda novamente de cenário, e o corpo ressurgue e desaparece em um lance de segundos, entre as flores do jardim colorido, movido por um gesto de quem procura se esconder, mas, ao mesmo tempo, se mostrar, interagir. Assim como, a mudança de cenário também representa a própria volta de um lugar talvez antes imaginado e lembrado para outro presente ou esquecido.

Considerações finais

Flores de pedra, flores de um jardim colorido de formas paradoxalmente geométricas e imprecisas constituem o espaço com o qual o corpo interage em uma coreografia marcada por giros e pequenos saltos, parecendo expressar paradoxalmente a alegria da liberdade assumida e a angústia de se saber prisioneiro a despeito de qualquer escolha. No poema, a memória funciona como lastro de pedra que afoga e parece querer engolir o sujeito poético com sua delicadeza. Na coreografia, o corpo atravessa os jardins como se ambos fossem simultâneos, abertos para experiências transcendentais e cotidianas a um só tempo. O percurso gerativo de sentido no nível profundo do texto em dança se constrói e se refaz a cada cena criando laços entre o enunciador e o enunciatário.

O corpo é presença no momento mesmo da performance coreográfica, mas é também concepção fílmica nas imagens editadas em vídeo. O concreto e o imaginário; a cor e o desbotamento; a presença e a ausência se alternam nas cenas do vídeo e nos movimentos da bailarina em uma linguagem híbrida e móvel que atravessa os signos sonoros e visuais. Pode-se dizer, assim, que o vídeo compõe uma outra gênese além do texto bíblico e além do próprio poema, redimensionando os sentidos e se apropriando de formas e imagens arquetípicas e cotidianas a um só tempo.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Arnaldo Leite de. **Dança Moderna e educação da sensibilidade:** Belo horizonte (1959-1975). 2002. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais.

KATZ, Helena. A dança, pensamento do corpo. In: Novaes, Adauto (org). **O homem-máquina**: a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

LABAN, Rudolf von; ULLMANN, Lisa. **Domínio do movimento**. 2. ed. São Paulo: Summus, [1978].

LAMBERT, Marisa Martins. **Expressividade Cênica pelo Fluxo Percepção/Ação**: O Sistema Laban/Bartenieff no desenvolvimento somático e na criação em dança. Campinas: UNICAMP, 2010. 279 pag. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

LARA, Glaucia Muniz Proença; MATTE, Ana Cristina Fricke. **Ensaio de semiótica**: aprendendo com o texto. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

PEREIRA, Ana Cristina Carvalho. **Linguagem e Cognição**: uso de Analogias e Metáforas no Ensino do Balé em Escolas de Belo Horizonte. 2005. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do CEFET-MG, Belo Horizonte.

RENGEL, Lenira Peral. **Dicionário Laban**. São Paulo: Annablume, 2003.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. 1. ed. São Paulo, 2002.

VALESKA, Olga. **Mundos e Mutações**. Belo Horizonte: Anome, 2010.